



ROMANCE MEDIÚNICO

NAS TRILHAS DO

UMBRAL

Fabrizio

a vila



EDITORA
EME

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 400 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpitantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livreria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 - CEP 13360-000 - Capivari - SP

Telefones: (19) 3491-7000 | 3491-5449

Vivo (19) 9 9983-2575 📞 | Claro (19) 9 9317-2800

vendas@editoraeme.com.br - www.editoraeme.com.br

MÔNICA AGUIEIRAS CORTAT
PELOS ESPÍRITOS ARIEL E FABRÍCIO



Capivari-SP
- 2020 -

© 2020 Mônica Aguiéiras Cortat

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pela autora para Centro Espírita Amor e Humildade do Apóstolo, de Florianópolis-SC.

A Editora EME mantém o Centro Espírita "Mensagem de Esperança" e patrocina, junto com outras empresas, instituições de atendimento social de Capivari-SP.

1ª edição - novembro/2020 - 5.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO | Marco Melo

REVISÃO | Letícia Rodrigues de Camargo

Ficha catalográfica

Ariel e Fabrício (espíritos)

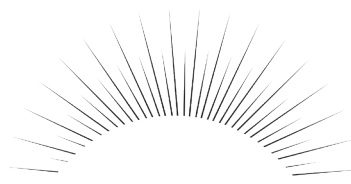
Nas trilhas do umbral - Fabrício - A vila / pelos espíritos Ariel e Fabrício; [psicografado por] Mônica Aguiéiras Cortat - 1ª ed. nov. 2020 - Capivari, SP: Editora EME.

416 pág.

ISBN 978-65-5543-042-4

1. Romance mediúnico. 2. Intercâmbio espiritual.
 3. Umbral. 4. Suicídio.
- I. Título.

CDD 133.9



SUMÁRIO



Prólogo.....	11
CAPÍTULO 1	
Uma boa nova.....	13
CAPÍTULO 2	
“Aproveitei cada centavo...”	23
CAPÍTULO 3	
A Vila	39
CAPÍTULO 4	
Rapaz tão bonito.....	49
CAPÍTULO 5	
Anjos e demônios.....	57
CAPÍTULO 6	
Na igreja.....	71
CAPÍTULO 7	
Revelações em um velório	85
CAPÍTULO 8	
Ela se chamava Paula	101
CAPÍTULO 9	
Ariel conta uma história.....	113
CAPÍTULO 10	
As dúvidas de Fabrício.....	131
CAPÍTULO 11	
Marília.....	143

CAPÍTULO 12	
As imagens e falar com Deus	165
CAPÍTULO 13	
Um vazio aterrador.....	181
CAPÍTULO 14	
O sítio.....	201
CAPÍTULO 15	
O julgamento	215
CAPÍTULO 16	
Muitas vidas vividas.....	231
CAPÍTULO 17	
Revelações.....	251
CAPÍTULO 18	
De Martina à Paulina.....	265
CAPÍTULO 19	
Conversa de mãe.....	283
CAPÍTULO 20	
A colheita.....	303
CAPÍTULO 21	
A redenção	321
CAPÍTULO 22	
Uma caneca d'água.....	331
CAPÍTULO 23	
Gideão.....	353
CAPÍTULO 24	
A verdade nos libertará.....	375
CAPÍTULO 25	
Amores espirituais.....	393
EPÍLOGO	
Subindo a montanha.....	407

Pensamentos de Ariel, soltos ao vento...

Se aproximem das pessoas pelas ações que elas praticam, e não pelo que elas possuem: as riquezas passam, as ações são imorredouras, te mostram o retrato verdadeiro, aquilo que realmente permanece!

Reparou que quanto mais orgulhosa a criatura, mais ela sofre?

Não é preciso vingança, Elsie. Quem planta o mal, a ele colhe de qualquer forma.

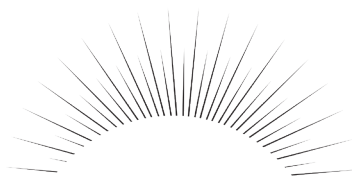
... se nossas escolhas moldam o nosso destino, nós também podemos moldá-las.

O tempo é o pai da mudança.

Quanto mais evoluído é o espírito, mais ele vislumbra a felicidade.

*Trilogia dedicada a Zu Garcia
que é a luz de meu caminho
e que me enche de alegria e amor.
AGRADEÇO, Senhor, pela dádiva
desses quase quinze anos de convívio diário,
na fé do reencontro!*

Zu Garcia, 23/05/1952 a 25/12/2019



PRÓLOGO



QUE SABEMOS NÓS, QUANDO iniciamos uma missão, uma jornada, ainda que sob os auspícios do Criador, para auxiliar uma alma a encontrar um bom caminho? Ao partirmos da Colônia para localizar Fabrício em local incerto do umbral, um suicida há tantas décadas perdido na escuridão de seus próprios sentimentos, eu e Clara sabíamos da dificuldade, mas nem desconfiávamos das pessoas que encontraríamos, e das lições que seriam compartilhadas.

A riqueza do ser humano não se finda com a morte do corpo, ao contrário: sem a veste material ela se amplia! Como não atender ao desespero de Eulália, se banhando no rio a se esfregar tentando tirar uma mácula que a perseguia há quase um século? Como não ouvir a um bom pai que toma conta de um menino suicida, que ainda está no umbral, como Tobias?

Nada é o que parece, cada qual tem sua história, e a de Fabrício é a de um homem que tinha desencarnado pouco depois dos trinta anos, suicida, nascido em 1903, casado e sem filhos, no Estado do Rio Grande do Sul.

Era ateu, embora criado na fé católica. Tinha grande e for-

te mágoa pela mãe, dona Cíntia, que era quem pedia por seu resgate. Tínhamos sido orientados a não falar no nome dela no início, assim que o conhecêssemos, caso quiséssemos ter algum sucesso, tamanha era a rejeição que ele tinha por ela.

Hoje, sentado na varanda de minha casa, olhando para um dos vales mais bonitos da Colônia, recordo de tudo isso. Dos sustos passados no umbral durante a busca, da leveza e da força da pequena Olívia, das risadas cristalinas de Clara, e do ser mais forte que me tornei, depois de tantos dias no umbral. E agradeço a Serafim, nosso superior, que permitiu essa viagem que nos parecia tão incomum, por motivos tão sábios. Nossos superiores aqui não estão em cargos altos por acaso: eles sabem mais do que nós e agem sempre para o bem comum. Possuem acesso a informações que ainda não temos, por serem mais desenvolvidos, mais sábios.

Às vezes olhamos a montanha, e ela é tão bonita que nos basta. Se temos a montanha, por que levantar os olhos e olhar as estrelas, no infinito do céu, tão mais impalpáveis e inseguras? Tão mais misteriosas? Tanto a montanha como as estrelas são obras do Pai, mas há que se ter fé em algo maior, para não se temer as incontáveis e belas estrelas. Eu amo a montanha, mas as estrelas sempre me fascinaram.

E nós, humanos, donos de tantas existências, que carregamos conosco tantas derrotas e tantas pequenas vitórias, não devemos nos esforçar em entender o nosso semelhante? Não disse o nosso Mestre para não julgarmos? Tantas vidas passadas, erros e acertos cometidos, que tal desta vez acertar?

Muitas vezes o caminho mais difícil é o que nos traz maior luz! Mas é preciso coragem.

Nessa viagem, graças a Serafim que a autorizou, eu me lembrei disto. A regra maior que deve ser seguida é sempre a do amor.



CAPÍTULO 1

UMA BOA NOVA



O VALE DOS AFLITOS onde estávamos era frio, úmido, com árvores altas e um tanto pantanoso. Os gemidos ali eram constantes, por isso demos ao local aquele nome, pois não faltavam sons de lamentos por onde passávamos, e os espíritos do local, cegos a nós, raramente nos percebiam, atentos somente a suas próprias lamentações.

Não era à toa que Tobias tinha escolhido pequena clareira longe dos demais, mas era hora de irmos, e depois de pequena “refeição” de água fluidificada de Olívia, peguei a pequena vasilha de barro muito limpa, mas já um tanto gasta, guardei-a em meu alforje improvisado e me senti pronto para a partida, como se tivesse dezoito anos terrenos. Olhei para minha querida Clara, cabelos quase negros brilhantes e muito lisos, pele clara brilhante, com sua beleza simples, iluminada, a olhar para mim muito disposta a dizer:

– E então? Pronto? Vamos então?

Bonita em seu abrigo, eu sorri para ela. Sim, eu estava pronto. Só não tinha a menor ideia de onde ir. Tínhamos andado tanto em busca de Fabrício que não tinha a menor noção de onde estaria o

moço, e começava seriamente a duvidar que encontraria o nosso suicida, que por sinal, não fazia muita questão de ser encontrado. Não estava arrependido, não pedia perdão, nenhuma luz emitia... achar tal criatura não estava fácil. Coçando a cabeça olhei para Olívia, que lendo os meus pensamentos sorriu, e sendo bem mais evoluída, subiu com facilidade por cima das árvores a me dizer:

- Espere...

Clara, vendo meu desânimo, pequena e elegante como sempre, me repreendeu:

- Eu sei que é complicado, meu querido amigo. Sempre que vamos em missão no umbral, vamos em busca de pessoas que nos chamam! Mas deve ter algum motivo para Serafim ter autorizado... nunca pensou nisso? E depois, nosso trabalho é auxiliar o próximo e fazer o bem! Não ficou feliz com Eulália e Tobias?

Tive que baixar a cabeça e sorrir:

- É verdade, minha amiga! Ocorre que só de pensar em sair procurando de novo, me dá certo desespero! Quantas estradinhas e trilhas têm nesse território do umbral? Fora os biomas por aqui, variados, que parecem crescer de acordo com os espíritos que os habitam! Que veremos agora?

Clara sorriu:

- Não sei, mas com certeza Deus estará conosco! Não estive sempre? E ainda podemos contar com Olívia, não é uma preciosidade?

Ela estava lá, acima das árvores. Eu só via uma leve luz azulada, mas me perguntava o que ela podia ver. Quem nos visse com Olívia pela primeira vez certamente pensaria: um casal com a filha de dez anos, uma menininha deslumbrante de tão mimosa! Vasto engano. Primeiro porque eu e Clara éramos amigos de longa data, e não casados, depois porque Olívia era um espírito de um grau de pureza e elevação bem maior e mais experiente do que nós. Ela nos protegia, e não o contrário.

Desce ela para estar conosco e como sempre não toca o chão, fica ali, brilhando na nossa frente e diz:

– Já sei para onde devemos ir, mas é um pouco longe; para sairmos desse bosque me deem as mãos.

Como ela já tinha visto o território à distância, ficava mais fácil nos transportar, e ela assim fez: deu-nos as mãos, e num átimo de segundo vimos o bosque onde estávamos ao longe. Clara imediatamente se achegou em seu abrigo, dado o vento gelado que a envolveu: estávamos num descampado imenso, rochas e montanhas nuas, numa trilha larga aberta sob um sol de mormaço fraco que não esquentava quase nada. Olhei para Olívia como a perguntar se era realmente por aqui, e ela segurou novamente em nossas mãos, e nos levou para o alto de uma daquelas montanhas, onde abrigados por um ajuntamento de pedras, pudemos olhar a paisagem em volta. Já um tanto mais aquecida, Clara disse:

– Ainda bem que está conosco! Já pensou em fazer esse caminho andando, Ariel?

Do alto da montanha olhei o vale atravessado até o bosque de onde tínhamos saído. Senhor! Seriam dias de extensa caminhada, pois não conhecíamos o local para nos locomover com o pensamento! Sem Olívia, teria sido muito duro e improdutivo! Sorri para ela agradecido.

– De nada! Imagine! Agora olhe lá para baixo. Acredito que pode estar por ali.

E apontou para uma pequena trilha que levava a um campo que mais parecia uma estepe de vegetação mais rasteira, nada úmida, daquelas que parecem cheias de espinhos. Era imenso! Perdia-se no horizonte, com pequenas habitações esparsas, com pequenos e lamacentos rios aqui e ali, cortando o terreno. Clara perguntou:

– Faz frio lá também?

Olívia respondeu:

– Parece que sim. Não o frio das estepes russas, mas frio também. O frio do egoísmo humano, da maldade, do abandono. Não é uma boa área, Clara, mas segundo eu sinto, é ali que ele se encontra.

Clara suspirou:

- Bem, se quiséssemos boas áreas teríamos ficado na Colônia, não é mesmo? Mas é uma área bem extensa. Só suicidas por ali?

Olívia riu-se:

- Claro que não. Todo o tipo de gente, como em todo lugar por aqui. Bandidos, gente perdida, alguns bem maus, outros nem tanto. Como sabe, há todo tipo de gente no umbral! Esqueça todo e qualquer julgamento e entrem, meus bons amigos! Sem se esquecerem de que em vidas passadas, também podemos ter ficado por aqui, logo, a humildade é um bom conselho!

Fiquei pensativo. Nunca tinha tido muita curiosidade a respeito de minhas vidas passadas! Tinha tido uma vida tão boa e venturosa com Esthefânia, minha esposa, que não podia ter ainda muitos débitos, ou o bom Deus não teria me feito tão auspicioso. Havia, é claro, na Colônia, um local onde as pessoas tinham autorização (ou não, conforme o seu grau de desenvolvimento) para ter acesso a essas informações, mas eu nunca tinha tido essa curiosidade por um simples motivo: não tinha inimigos ou dissabores! Perdoava fácil qualquer desentendimento, não me metia em confusões, logo, não via motivo em querer saber quem tinha sido em vidas passadas! Estava feliz como era, e pronto.

Já Clara, como ela mesma tinha me contado, tinha feito algumas pesquisas, e descoberto coisas interessantes. A ligação dela com Nana de várias vidas, a diferença dos valores dela com os valores dos pais, tudo isso tinha certa explicação. Deu mesmo boas risadas com algumas delas e ficou muito triste com outras. Eu já achei melhor não “bulir” com nada disso. O que importava era daqui para frente.

Ouvindo meus pensamentos, Olívia deu um pequeno e bonito sorriso, com certo ar de mistério e só então me disse:

- Às vezes, a ignorância pode ser uma bênção, meu bom amigo. Mas, que acha? Podemos descer a montanha?

O tolo aqui pensou logo em ir se agarrando a pedras íngre-

mes com muito cuidado e segurando Clara para que ela não se machucasse, foi quando a menina nos segurou e disse:

– Desse jeito é mais fácil!

E eis-nos ao início da trilha de vegetação, que era mais alta do que supúnhamos, numa estradinha de uns três metros de largura (do alto parecia mais fina), com arbustos realmente espinhosos que teriam pelo menos dois metros e vinte a três metros e meio. Pequenos caminhos ao longo da estradinha principal pareciam levar a lugares diferentes e eu franzi as sobrancelhas um tanto confuso. E se Fabrício estivesse num daqueles pequenos caminhos? E se passássemos por ele?

Clara respondeu a isso com uma oração, para que Deus nos orientasse ao caminho certo, e agradeceu pelos arbustos espinhentos, que ao menos barravam o frio congelante da planície. Vimos pequenos e grandes lagartos da fauna local, rápidos, correndo entre os arbustos, alguns molhados, e eu pensei nos pequenos riachos que tinha visto da montanha. Seriam realmente pequenos, vistos de perto?

De súbito, Olívia parou, e eu a vi elevar-se novamente, com o dedo indicador na pequena boca, como a pedir silêncio. Os longos cabelos voaram pelas costas num vento vindo pela trilha e eu e Clara sentimos o solo tremer um pouco. Olhamos um para o outro um tanto assustados, que faria o solo tremer daquela forma?

Pensei logo numa legião de espíritos malignos, daqueles ajuntamentos extremamente perigosos que acabam por danificar quase tudo em seu caminho. Como se esconder no meio de arbustos tão espinhosos como aqueles? Nenhuma pedra, nenhuma montanha, nada à vista para que pudesse proteger Clara!

Olhei para o alto e vi a pequena Olívia olhando fixamente para um ponto à nossa frente, bastante séria, calada, como que absorvendo informações, seu brilho azul claro se intensificando cada vez mais. Em dois minutos que me pareceram séculos, ela finalmente olhou para nós, encolhidos que estávamos pelo frio e a energia que se tornava, de repente, muito densa, e disse:

- Teremos companhia, mas não há nada a temer. Incumbiram-me de dar um recado.

Olhei para ela um tanto ressabiado: recado? O chão tremia cada vez mais forte. Perguntei em voz alta:

- É apenas uma pessoa que está vindo?

Ela sorriu:

- Ah, não! Ele tem seguidores! Esse tipo de espírito não abre mão de admiradores! É um controlador nato, e está aqui há muito tempo.

Um tanto assustada, Clara perguntou:

- Há quanto tempo, Olívia?

- Pelo menos uns trezentos anos, pelo que me dizem.

Clara franziu a testa, era um tempo razoavelmente longo de umbral. Não que não existissem outros até com mais tempo, mas eram raros, ao menos, nunca tínhamos nos deparado com um assim, tanto tempo sofredor. Ela me olhou de volta, preocupada, e eu perguntei à nossa amiga:

- Como sabe que não há perigo, Olívia? Entidades assim, ainda mais acompanhadas de seguidores... Não quer que eu tome alguma atitude, que esconda Clara e fique aqui contigo? Sei que você é forte, mas Clara é mais frágil.

O chão estremeceu fortemente aos nossos pés, o que fez com que nós dois nos apoiássemos, mas Clara me olhou muito aborrecida:

- E quando foi que me faltou fé?

Descendo quase ao nosso nível, iluminando quase tudo ao redor, Olívia disse:

- Bastante educado, Ariel, mas eles já estão chegando. Vê?

E o que era apenas uma nuvem de poeira distante numa tri-lha reta foi se achegando na velocidade em que andam alguns espíritos que já conhecem o local, e pararam justo em frente da iluminada Olívia. Era uma multidão de espíritos com uma aparência nada boa, de vestes carcomidas pelo tempo, alguns com uma aparência de fome, outros visivelmente doentes, num total

de quase cinquenta desafortunados que ainda se acreditavam dependentes de sua aparência física no momento da morte.

Na frente deles, um ser de tamanho considerável que já tinha aprendido, em seu longo tempo desencarnado, que o perispírito era maleável à sua vontade, e com isso, tinha vertido para si mesmo uma admirável e amedrontadora aparência da qual Olívia sorriu, mas a mim e a Clara deu arrepios: tratava-se de um homem de extraordinária altura física, passando dos dois metros e vinte facilmente, vestido com toda a pompa e circunstância de sua época, como se fosse o capitão de algum navio mercante da esquadra portuguesa. O rosto era terrível, branco, como que moldado em cera, de traços cruéis e profundos, os olhos eram castanhos e coléricos, a boca um tanto descorada, mantinha todos os dentes e sorriu para Olívia num sorriso cruel.

As pessoas que vinham atrás dele, numa barulheira razoável, ao verem a menina banhada de luz, sequer nos notaram, e ficaram a olhar encantados. Alguns se encolheram de medo, alguns se ajoelharam e outros ainda se esconderam sob os espinhos da trilha. Ouvi alguns murmurando: “anjo, anjo”, enquanto os cabelos dela se moviam ao vento, e rezei para ela não retrucar, como sempre, dizendo: “não sou anjo! Pelo menos, ainda não!”. “Deixe que eles pensem que você é anjo, Olívia!” – pensava eu.

Mas na realidade, ao ver a pequena menina, ele ficou meio desconcertado. Principalmente com o sorriso amistoso dela. Provavelmente ninguém nunca lhe sorria daquela forma em séculos! Mas o olhar dela era puro, sem medo, a luz em volta dela era inebriantemente azul, de uma claridade suave, que induzia a paz. Como nem eu, nem Clara atraíamos a menor atenção, nos sentamos à beira do caminho, a observar a cena.

Vendo-o sem saber o que fazer, Olívia ficou da exata altura do rosto dele, olhou de mais perto a peruca debaixo do chapéu de capitão, muito branca e empoadada, como se nunca tivesse visto nada tão pitoresco. Sem a menor cerimônia examinou os trajes,

as botas imensas cobrindo os joelhos, as calças coladas ao corpo, tudo de acordo com a sua época e a marinha portuguesa. Foi por pouco que Clara e eu não caímos na risada ao ver a “fadinha” subindo e descendo ao redor dele para analisá-lo melhor, justo a ele, que se considerava tão temível. Distraída ela estava quando ouvimos o “vozeirão” da figura em questão:

– Que se passa por aqui? Quem é você, criatura?

Ela voltou a ficar da altura de seu rosto, mas pelo menos a um metro e meio de distância dele. E respondeu:

– Ora, Abílio! Achei interessante a sua escolha! Marinha portuguesa? Bastante respeitável... e está bem alto, não?

Ele arregalou os olhos para ela, vendo-se um tanto desmascarado. Num gesto um tanto infantil, levou a mão direita à espada do uniforme como se fosse tirá-la. Olívia respondeu:

– Não seja tolo, homem. Sabe perfeitamente que isso nunca me atingiria... quer se passar por bobo na frente dos seus? Vim para lhe dar uma boa nova: Deus não se esqueceu de você!

Vi o homem se retrair de susto, mas ele respondeu:

– Deus não existe! Ou se existe, nos condenou a esse inferno eterno! Estou bem aqui, não me importune!

Observei os que o acompanhavam ouvirem a conversa, curiosos. Olívia continuou:

– A boa nova é que sua reencarnação foi confirmada. Você finalmente reencarnará. Voltará à Terra para continuar a sua evolução, quitar alguns de seus muitos crimes, responderá pelos seus atos e assim se tornará um ser melhor. Mais livre, sem tanto sofrimento. Não é uma boa nova?

Para Olívia, sem dúvida parecia uma boa nova, mas para Abílio, aquilo parecia dez vezes pior do que o próprio inferno em que vivia. Pagar pelos próprios erros? Ele empalideceu ainda mais e disse a ela bastante contrafeito:

– Veio me assustar, menina? Ninguém vive de novo! O inferno é eterno, todos os padres disseram isso! Não sabe o que passei nos meus primeiros tempos aqui, até que eu aprendesse as coisas

que aprendi! Já paguei pelos meus erros! Se fosse possível voltar à Terra, voltaria pior do que antes.

Olívia cruzou os braços em frente ao peito, contrafeita. Viu que a discussão seria um tanto longa:

– Ora, vamos, Abílio, tanto tempo por aqui e não notou que alguns companheiros seus simplesmente “sumiram”? Aonde acha que eles foram? Para o céu?

Ele pareceu lembrar das dezenas de companheiros que realmente foram “desaparecendo” com o tempo. Mas, respondeu:

– Sumiram porque foram para outros lugares... sei lá para onde foram!

– Eles voltaram à Terra. Reencarnaram, foi isso que aconteceu a eles. Já ouviu falar disso por aqui, e mais de uma vez. Agora está chegando a sua vez.

Ele olhou para ela ainda bem desconfiado:

– E por que comigo demorou tanto?

Olívia sorriu tristemente:

– Lembra-se do que foi a sua vida, não lembra, Abílio? Você não foi um capitão da marinha de Portugal, não é mesmo?

O gigante Abílio sentou-se no chão, e ordenou aos que o acompanhavam:

– Deixem-me só. Não quero mais ninguém por aqui! Sumam!

Um tanto aturdidos, sem saber o que fariam, as pessoas olharam umas para as outras. “Ir para onde?”, era o pensamento geral. Até que o próprio Abílio ordenou a um rapaz:

– Jorge, eles devem te seguir agora! Leve-os já daqui!

Ao ver-se assim na chefia, um rapaz magro e mais jovem seguiu trilha abaixo com o grupo, que o acompanhou em silêncio, mas rapidamente. Em pouco tempo nos vimos sozinhos com o gigante, que só então percebeu a nossa presença, e perguntou à menina:

– E esses, quem são?

Olívia nos sorriu, e respondeu:

– Não vê o brilho deles? São como eu, vêm aqui ajudar. Nada há a temer.